



## COMO OS PROFESSORES NOS CHAMAM DE MAL EDUCADOS SE SÃO ELES QUE NOS EDUCAM?

Mellyssa Maria Martins de Oliveira Carvalho<sup>1</sup>

Josinaldo Bezerra da Silva<sup>2</sup>

Raylon Dias Alves dos Santos<sup>3</sup>

Jeferson Gomes de Sousa<sup>4</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa aborda uma temática presente nas vivências das escolas, famílias e professores, o ato de educar, a quem se atribui essa função? indagação comum no processo de ensino-aprendizagem na sociedade atual nas relações famílias e escola. Esta pesquisa objetiva refletir qual é a função do professor na escola, e compreender qual o papel da família na educação dos filhos na relação com a escola. Este estudo trata-se de uma abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico (MARCONI E LAKATOS, 2017). O aporte teórico parte das reflexões dos autores: Cunha (1989); Freire (1987); Brzezinski (2002); Hall (2007); Moreira (2012); Silva (2015); Saraiva e Vargas (2017). Educar seria proporcionar à pessoa sentimentos e hábitos que permite que ela se adapte no meio social, desta forma a educação continuará sendo sempre necessária para o futuro como ela foi no passado, portanto a educação está sendo ainda mais necessária atualmente no presente. No entanto, o professor é educador? Resultando, o professor poderia ser um educador se ele não sabe em que meio social o seu aluno irá conviver? A resposta para a pergunta é não, pois este papel primário de educar o aluno é da família. O fato do professor não poder ser um educador é porque este aluno terá dos mais diversos professores na trajetória escolar.

**Palavras-chave:** Educar, Professor, Família.

### INTRODUÇÃO

A relação entre a escola e a família é uma das temáticas discutida na sociedade brasileira por muitos estudiosos da educação, e também pela comunidade escolar, onde muitas das vezes a família acha que é por obrigação da escola não somente ensinar os conteúdos, mas no entanto, sabemos que é na escola que nos tornamos seres sociáveis para a vida. O papel da família das crianças é prepará-las para viver em sociedade como um ser ético e que respeite as diferenças

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Piauí (UFPI) Campus Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), E-mail: [mellyssamariaoliveira@ufpi.edu.br](mailto:mellyssamariaoliveira@ufpi.edu.br)

<sup>2</sup> Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Piauí (UFPI) Campus Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), E-mail: [josinaldobezeira9@gmail.com](mailto:josinaldobezeira9@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduando em Pedagogia na Universidade Federal do Piauí (UFPI) Campus Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), E-mail: [raylondias1616@gmail.com](mailto:raylondias1616@gmail.com)

<sup>4</sup> Docente do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí (UFPI) Campus Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), E-mail: [jeferson.sousa@ufpi.edu.br](mailto:jeferson.sousa@ufpi.edu.br)



de cada um, onde aprenderemos sobre o amor, as formas de carinho sendo nosso porto seguro, onde teremos conforto, segurança e que irão nos apoiar, portanto, a escola ou os professores não irão nos oferecer tal estrutura. Esta pesquisa objetiva refletir qual é a função do professor na escola, e compreender qual é o papel da família na educação na relação com a escola.

Educar seria proporcionar à pessoa sentimentos e hábitos que permite que ela se adapte no meio social, desta forma a educação continuará sendo sempre necessária para o futuro como ela foi no passado, portanto a educação está sendo ainda mais necessária atualmente no presente. Portanto, as famílias atualmente se encontram ausentes na vida dos filhos, ou seja, os pais para poder ir trabalhar tem deixado seus filhos com terceiros como por exemplo babás, avós ou até mesmo em escola de tempo integral e isso acaba prejudicando a criança no sentido emocional onde ela irá procurar por alguém que esteja disponíveis emocionalmente.

As escolas atualmente cobram das famílias a participação na vida acadêmica de seus filhos, ou seja, as famílias estão jogando essa responsabilidade para cima dos professores. No entanto, o professor é educador? Resultando, o professor poderia ser um educador se ele não sabe em que meio social o seu aluno irá conviver? A resposta para a pergunta é não, pois este papel primário de educar o aluno é da família. O fato do professor não poder ser um educador é porque este aluno terá dos mais diversos professores na trajetória escolar.

É natural que surjam: religiosos e ateus; fanáticos, moderados e indiferentes para com Deus e para com a Pátria; preguiçosos e trabalhadores; competentes incompetentes; castos, desregrados homossexuais, sóbrios e viciados; disciplinados e revoltados. Será que um ser humano pode ser educado por uma turma tão contrastante e contraditória em hábitos e convicções? É evidente que não. Não é sensato esperar ou exigir que todos esses professores escondam ou frustrem suas personalidades e eduquem, todos eles, dentro do mesmo padrão. Até porque a educação que se tem em casa não é a mesma que se repassa na escola, não podemos pedir aos professores um comportamento hipócrita, dentro de uma sala de aula, durante uma vida inteira.

Podemos então refletir a um alguns questionamentos como: Pode um ateu comportar-se como crente? Pode um fanático mostrar-se, sempre, moderado? Quem ousa exigir de um internacionalista que se comporte como defensor da pátria? Até que ponto uma professora que se prostitui consegue fingir, em sala de aula, que é casta? Se os professores quiserem influir na formação moral e cívica dos alunos, terão de o fazer com suas virtudes e com seus defeitos e na consciência do educando ficará um feixe de contradições, um caos.

Ou seja, percebemos que aqui está um dos motivos de que o professor não possa ser educador dos filhos alheios. Sabemos que os jovens e as crianças podem ser influenciados de



diversas formas e por várias pessoas. Porém só educa quem ama o educando. Sendo assim, o professor teria de amar os educandos para poder educá-los de acordo com que eles acham correto. E o que poderia motivar o professor a amar os alunos: a função ou o salário?... Sabemos que nem a profissão nem o salário, por si mesmos, geram tal amor. Exigir que o professor seja educador é exigir que ele ame o aluno como se fosse um filho. Ora, amor não é sentimento que se exija para exercer uma profissão, e menos ainda, em troca de um salário... E eis mais uma razão para não exigir que o professor seja educador (MOREIRA 2012).

A presente pesquisa se justifica a partir de estudos realizados em sala de aula e a prática em escolas no decorrer da formação no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI Campus Amílcar Ferreira Sobral - CAFS. Vivenciando o retorno das aulas após a pandemia da COVID-19, quando surgiu um questionamento por uma criança que dizia *“como os professores nos chamam de mal educados se são eles que nos educam?”* então para chegarmos a uma resposta, faremos um estudo bibliográfico com a referida temática, uma vez que, a família durante a pandemia teve um papel significativo e mais intenso durante a pandemia com o ensino híbrido forçado pelo momento mundial que o mundo passou.

A presente pesquisa se faz necessária para refletirmos ainda mais o papel do educador com as mudanças nos cenários vastos que temos na educação brasileira, contribuindo assim para pesquisadores, famílias e sociedade no geral.

## PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico, ou seja, o levantamento e análise de estudos já produzidos como livros, artigos, teses e outros como relatórios (MARCONI E LAKATOS, 2017). Deste modo, fizemos uma busca em obras específicas como livros, artigos e outros como revistas.

Para Marconi e Lakatos (2017) a pesquisa qualitativa é quando o pesquisador não analisa dados de forma quantitativa, ou seja, quantidade de dados numéricos, mas sim de forma qualitativa, dando ressignificação dos dados. Portanto, “Dessa forma, a mudança das coisas não pode ser indefinidamente quantitativa: transformando-se, em determinado momento sofrem mudança qualitativa. A quantidade transforma-se em qualidade” (MARCONI E LAKATOS, 2017, pág. 104).

A pesquisa bibliográfica é aquela que:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de



comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (MARCONI E LAKATOS, 2017, pág. 183)

Deste modo, o autor define os estudos bibliográficos como todo o material já produzido anteriormente na qual os pesquisadores têm contato ao pesquisar determinado tema. Ressalta ainda que é necessário transformar ações em documentos tudo que foi dito, escrito ou gravado. De todo modo, podemos hoje encontrar uma vasta gama de materiais dispostos em plataformas digitais em diversos modelos como, livro, artigos, resenhas, vídeos e áudio, o que nos dá apoio nas buscas de dados, mas é importante salientar que nem todos os documentos estão digitalizados, e só podem ser consultados fisicamente.

Para nosso estudo em questão, utilizamos como base para análises as obras dos autores Cunha (1989); Freire (1987); Brzezinski (2002); Hall (2007); Moreira (2012); Silva (2015); Saraiva e Vargas (2017). Ressaltamos que aqui utilizamos obras de 1987 a 2017, com a temática abordada em questão o papel do professor e da família na educação.

Para a análise de dados utilizamos Bardin (2011) que diz que a metodologia de Análise de Conteúdo, inicia com a pré-análise dos documentos, parte importante para definir o material ser utilizado, em seguida se inicia a exploração do mesmo, para se definir categorias e posteriormente analisá-los, utilizando ferramentas que melhor possam se agregar ao trabalho, dando tratamento aos dados por tabelas, figuras, quadros e outros.

## **APORTE TEÓRICO**

A educação de professores que temos visto, tem sido muito mais a que procura internalizar o saber do que conscientizar o homem, sujeito do conhecimento. As concepções de ensino e as práticas realizadas pelo professor certamente terão de ser diversificadas conforme os objetivos se direcionam à internalização ou à conscientização. Portanto, isso significa ter uma nova concepção da relação que existe entre o sujeito social e o conhecimento. Significa entender que aprender não é estar em atitude contemplativa ou absorvente, frente aos dados culturais da sociedade, e sim estar ativamente envolvido na interpretação e produção destes dados (CUNHA, 2009).

Percebemos que aqui está um dos motivos de que o professor não possa ser educador dos filhos alheios. Sabemos que os jovens e as crianças podem ser influenciados de diversas formas e por várias pessoas. Porém só educa quem ama o educando. Sendo assim, o professor



teria de amar os educandos para poder educá-los de acordo com que eles acham correto. E o que poderia motivar o professor a amar os alunos: a função ou o salário?... Sabemos que nem a profissão nem o salário, por si mesmos, geram tal amor. Exigir que o professor seja educador é exigir que ele ame o aluno como se fosse um filho. Ora, amor não é sentimento que se exija para exercer uma profissão, e menos ainda, em troca de um salário... E eis mais uma razão para não exigir que o professor seja educador (MOREIRA, 2012).

Mas, afinal de contas, qual a identidade docente fabricada pela obra de Armindo Moreira? Para responder a essa pergunta, devemos antes explicar uma distinção feita pelo autor: para ele, instruir é diferente de educar. “Educar é promover, na pessoa, sentimentos e hábitos que lhe permitam adaptar-se e ser feliz no meio em que há de viver. Instruir é proporcionar conhecimentos e habilidades que possam permitir à pessoa ganhar seu pão e seu conforto com facilidade” (MOREIRA, 2012, p. 09). Moreira enfatiza, portanto, que educar e instruir são tarefas diferentes e passíveis de serem separadas. Freire (1987) ressalta o dever de intervenção do professor para a luta contra a opressão, Moreira enfatiza que a educação deve fazer o indivíduo “adaptar-se” e “ser feliz”. Aqui, encontramos a mais importante divergência entre aquilo que se nomeia como função docente no interior dos dois paradigmas educacionais que temos analisado aqui. Se educar é fazer com que o sujeito se adapte, isso não se confunde em nenhuma medida com a visão freireana, que defende uma educação para transformar a realidade do oprimido. Segundo Moreira, a confusão entre instrução e educação – quando se apregoa que a escola deve educar, por exemplo – serve apenas às ditaduras fascistas, afinal, a educação não deve ser uma função do Estado.

Para justificar sua premissa de que professor não deve ser educador, Moreira (2012) enumera alguns motivos considerados relevantes por ele. Primeiro, partindo da ideia de que uma educação de boa qualidade deveria adaptar o aluno ao seu meio, o autor considera que o professor não poderia educar o estudante pelo simples fato de não saber ou conseguir adivinhar em qual meio o aluno irá viver. Não há maiores explicações para essa ignorância do professor, simplesmente se presume que ele não conhece o contexto onde vive e por esse motivo não pode saber os hábitos e sentimentos necessários ao estudante para seguir sua vida.

O segundo motivo é que os professores não poderiam “despir-se de si mesmos”, abandonar seus valores e posturas para poder ensinar uma educação “padrão”. Isso porque o autor acredita que as influências de professores tão diferentes (em termos de educação) só fariam com que as crianças ficassem confusas. Nesse ponto, há uma série de exemplos para tentar convencer o leitor para que ele perceba a diversidade como algo negativo, como caos. É interessante como essa ideia contrasta com posturas pluralistas, ao mesmo tempo em que tenta



mostrar a ideia de padronizar a “educação” a ser ensinada como espécie de violência contra o professorado: “Não é sensato esperar ou exigir que todos esses professores escondam ou frustrem suas personalidades e eduquem, todos eles, dentro do mesmo padrão” (MOREIRA, 2012, p. 10).

Já o terceiro motivo apresentado por Moreira (2012) vem como empecilho para que o professor seja também um educador reside na sua posição enquanto profissional. Segundo o teórico, os professores ensinam em troca de um salário, o que não seria o bastante em troca da educação. Moreira afirma que apenas quem ama pode educar e, portanto, essa tarefa é prioritária da família. Apenas a família, por ser a instituição responsável por dar esse suporte afetivo, estaria em condições de ofertar a educação devidamente alinhada com o amor emprestado àquela criança.

Para Moreira (2012) o quarto elemento, anunciado como uma barreira para os professores-educadores. A lógica é a seguinte: se a família deve educar, deveria poder escolher entre os professores disponíveis os que melhor se adequem aos seus objetivos e expectativas para seus filhos. Entretanto, a forma como os sistemas de ensino estão organizados resulta na impossibilidade de matricular os futuros estudantes em escolas que atendam aos anseios de uma educação específica. Em geral, as instituições de ensino apresentariam diferentes tipos de educadores, como já mencionado anteriormente.

Por fim, Moreira (2012) nos trás o quinto aspecto confunde-se com o terceiro. Segundo Moreira, há uma “falsa tese” de que os professores devem ser educadores. Ele reforça, então, que além de não possuir o amor necessário para educar, os professores que fazem isso estão interferindo numa função que é dos pais. Essa intromissão teria resultado, segundo o autor, o incentivo à irresponsabilidade dos pais com os filhos, dado que a escola estaria se arvorando no papel de educadora.

Os professores não estariam, também, devidamente capacitados para exercer tal função. Se realmente fosse existir uma educação escolar, o autor defende que houvesse um currículo acerca disso, em que o conteúdo programático fosse devidamente explicitado. É notável que, assim como o Escola Sem Partido, Moreira parece não dar a devida importância aos Projetos Político-Pedagógicos (PPP) das escolas. Como se sabe, esse documento orienta as finalidades escolares, e nele poderiam estar perfeitamente explícitas as orientações sobre a educação que se quer dar aos estudantes daquela instituição.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**



Para as análises desta pesquisa, faremos uma apresentação dos apontamentos feitos pelos seguintes autores: Cunha (1989); Freire (1987); Brzezinski (2002); Hall (2007); Moreira (2012); Silva (2015); Saraiva e Vargas (2017). Assim, buscaremos compreender sobre nossa questão em pesquisa.

Deste modo temos a seguir um quadro que apresenta os autores da análise e os resultados que encontramos durante a pesquisa bibliográfica, vejamos:

**Quadro 1: Respondendo a pergunta: Professor é educador?**

Autores / Ano	Resultados
Moreira (2012)	Os resultados evidenciaram que persiste e se intensifica, na atualidade, uma divergência significativa na concepção de educação e do papel do professor entre o ideário liberal/ neoliberal e a teorização crítica. Nesse sentido, nos colocamos a refletir acerca da função política da educação a fim de problematizarmos a neutralidade, nomeada como uma indispensável característica do professor por movimentos como o Escola Sem Partido. Por mais estranho que isso nos pareça, aprendemos com essa pesquisa, que aos que combatem Freire, parece possível ser professor sem educar.
Freire (1987)	Quando se questiona o papel do professor na sociedade moderna. Há muitos que apontam que ensinar não exige apenas competência profissional, sendo necessária generosidade.
Brzezinski (2002)	Com essa identidade, o professor é o profissional dotado de competência para produzir conhecimento sobre seu trabalho, de tomar decisões em favor da qualidade cognitiva das aprendizagens escolares e, fundamentalmente, de atuar no processo constitutivo da cidadania do "aprendente", seja ele criança, jovem ou adulto.
Cunha (1989)	Quando falamos em educação de professores, parece-me que devemos partir da indagação sobre o que determina o desempenho do professor na prática de sala de aula. A sala de aula é o lugar privilegiado onde se realiza o ato pedagógico escolar. Para ela afluem as contradições do contexto social, os conflitos psicológicos, as questões da ciência e as concepções valorativas daqueles que compõem o ato pedagógico: o professor e os alunos. Estudar o que acontece e, especialmente, por que acontece na sala de aula é tarefa primeira daqueles que se encontram envolvidos com a educação de professores e comprometidos com uma prática pedagógica competente.
Hall (2006)	Do mesmo modo, este texto traz o conceito de representação, proposto pelo autor como ferramenta teórica, a partir da análise de três teorias que discutem a representação: a reflexiva, a intencional e a construcionista, demonstrando que os atores sociais por meio de seus sistemas de conceituação oferecem os sentidos.
Silva (2015)	Os conceitos de uma teoria dirigem nossa atenção para certas coisas que sem eles não "veríamos". Os conceitos de uma teoria organizam e estruturam nossa forma de ver a "realidade". Assim, uma forma útil de distinguirmos as diferentes teorias do currículo é através do exame dos diferentes conceitos que elas empregam. Neste sentido, as teorias críticas de currículo, ao deslocar a ênfase dos conceitos



	<p>simplesmente pedagógicos de ensino e aprendizagem para os conceitos de ideologia e poder, por exemplo, nos permitiram ver a educação de uma nova perspectiva. Da mesma forma, ao enfatizarem o conceito de discurso em vez do conceito de ideologia, as teorias pós-críticas de currículo efetuaram um outro importante deslocamento na nossa maneira de conceber o currículo.</p>
Saraiva e Vargas (2017)	<p>[...]passamos a ver se incorporarem ao discurso de crítica ao modelo educacional brasileiro novas vozes com insólitos argumentos, entendidos por nós neste artigo como (re)atualizações de alguns pontos já amplamente discutidos e considerados superados pelos pesquisadores em educação. Estamos nos referindo aqui ao ideário do movimento Escola Sem Partido (ESP) que, anacronicamente, apresenta propostas para educação pautadas por um conservadorismo moral e, ao mesmo tempo, alinhadas às práticas de caráter neoliberal mais contemporâneas.</p>

Comparando as ideias dos autores podemos ver que os pensamentos de Brzezinski (2002) corroboram ao princípio de que professor não é educador, e de que escola não dá a devida educação aos alunos que irão receber do seu convívio social, ou familiar. Portanto, a família é a base onde a criança começa a ter seu primeiro contato afetivo e que nenhuma escola ou professor possa dar para esta criança essa relação que ela necessita ter.

Entretanto, por mais que a sociedade tenha imposto para a escola de que são eles que tenham que fazer o papel da família, partimos dos pensamentos de Saraiva e Vargas (2017) que nos diz que tentam nos impor um determinado padrão que eduque todas as crianças de uma única forma, pois nem todos são iguais em questões de religiões, tradições, meio social em que convive fora do ambiente escolar, costumes e etnias, a escola, por outro lado, se vê sendo obrigada pela família e pela sociedade a assumir a educação que deveriam ter a partir do momento que começam a interagir com seus familiares.

A questão familiar se trata atualmente por muitas das vezes os familiares trabalharem fora e querem colocar a responsabilidade de educar para a escola, pois passam o dia trabalhando sem ao menos ver seu filho e o mesmo fica aos cuidados de pessoas de fora, ou em outras atividades extracurriculares em que seus pais lhes colocam para suprir as necessidades das crianças já que eles não possuem o tempo necessário para participar ativamente da vida de seus filhos. Podemos então assimilar esses fatores sociais com as contribuições de Hall (2006) e Cunha (1989).

Para Brzezinski (2002) a identidade docente é difícil de entender, pois no Brasil a função de professor ainda é vista como temporária ou realizada por leigos, e não necessariamente por especialistas. Já para Freire (1987) o compromisso moral do professor é inegociável: estimular o pensamento crítico e promover a emancipação dos indivíduos, capacitando-os a lutar contra as desigualdades que os oprimem.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos então ao final sobre a nossa reflexão que buscou refletir qual é a função do professor na escola, e compreender qual o papel da família na educação dos filhos na relação com a escola. A escola deve tentar conscientizar as famílias a serem mais ativas na vida de seus filhos tanto pessoal quanto escolar, sendo assim, irá propor para os pais que trabalhem em conjunto no sentido de chegarem a uma solução rapidamente.

A família deveria ouvir a escola não somente de forma em geral mas especificamente os professores, e as mesma deveriam procurar uma forma de terem momentos de lazer e de acolher mas seus filhos. Com intuito de que as crianças sintam-se mais confortáveis e tenham mas confiança em seus pais para falar sobre qualquer assunto abertamente sem se sentirem julgados.

Portanto a análise entre os fundamentos teóricos que aqui fizemos, nos traz seu impacto na educação brasileira, é importante questionar é possível ser professor sem educar? Essa pergunta é relevante para desafiar as mais diversas percepções que temos sobre o trabalho do professor e combater muito achismos, impulsionados por um movimento político que se opõe à natureza transformadora da educação. Quanto à afirmação de que "professor não é educador", devemos nos perguntar qual necessidade histórica essa ideia veio satisfazer. No entanto, essa é uma questão para reverberar estudos futuros, uma vez que a busca pela identidade docente é uma grande busca pela verdade da realidade das escolas brasileiras.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecemos a Deus por nos proporcionar esta de publicar um texto acadêmico. À minha famílias e amigos, que sempre nos e sempre incentivando com coragem e perseverança, ao professor e orientador Jeferson Gomes, pela oportunidade, amizade, incentivo, parceria dentro da academia. À Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Amílcar Ferreira Sobral - CAFS, por oportunizar momentos de formação de qualidade como este.

## REFERÊNCIAS

BALL, Stephen John. **A constituição da subjetividade docente no Brasil**: um contexto global. Revista Educação em Questão, Natal, v. 46, n. 32, p. 9-36, 2013.

Bardin, L.). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.



BRZEZINSKI, Iria. **Profissão Professor: Identidade e Profissionalização docente.** Brasília: Plano, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática.** Campinas: Papirus, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa.** 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MOREIRA, Armindo. **Professor não é educador.** 4 ed. Cascavel: Profeduc, 2012.

SARAIVA, Karla Schuk; VARGAS, Juliana Ribeiro de. **Os perigos da Escola Sem Partido.** Teias v. 18, n. 51, Out./Dez, 2017. P. 68-84.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.